

## Experiências reversíveis (entre) Teatro e Educação

Mariene Hundertmarck Perobelli

Professora do curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: O presente trabalho é parte da pesquisa de mestrado intitulada: “O avesso do corpo: uma experiência de reversibilidade entre Teatro e Educação”, defendida em 2009 no Programa de Pós-graduação em Educação da UFSC. Faço aqui o recorte de algumas experiências da pesquisa que foi o trabalho de vivências artísticas com professores da Educação Infantil e Séries Iniciais de escolas públicas e privadas da Grande Florianópolis. A falta das artes na formação desses profissionais, as relações e percepções que as práticas corporais artísticas despertaram, a relação da atriz-educadora com os professores e, a partir disso, a reflexão sobre a inserção do professor de Teatro na escola são descrições desta comunicação.

Palavras-chave: Teatro, Educação, Formação de educadores, Experiência, Fenomenologia.

Diariamente somos atravessados por experiências. Um botão de flor que se abre, um pássaro que voa, um velho homem sentado num banco de praça, o vento que toca a pele, o mar que nos abraça com suas ondas, uma mulher que chora, um corpo gelado, uma criança que nasce, as nuvens que passam, a menina que sorri. O que estamos vendo? O que estamos sentindo? O que estamos recordando? O que tais imagens nos suscitam?

Cada um de nós terá sua própria visão, sensação, recordação. Pois elas emergem de nossos vividos, de acordo com o que percebemos em cada lugar, em cada situação. As nuvens que passam pelo céu podem me recordar liberdade; para outro, lembram a chuva; outro ainda pode sentir medo de altura. Cada pessoa tem experiências e percepções distintas de acordo com suas recordações, vividos, sentimentos e desejos. No prefácio da “Fenomenologia da Percepção”, Merleau-Ponty (2006) diz que é em nós mesmos que encontramos a unidade da fenomenologia e seu verdadeiro sentido. Mas é o próprio filósofo quem afirma que a fenomenologia só é acessível a um método fenomenológico. Não se trata de explicar nem de analisar, mas de descrever, pois o mundo está ali antes de qualquer análise que eu possa fazer dele.

Sendo assim, o método da fenomenologia pode ser entendido como empírico no sentido que depende das experiências e reações de cada indivíduo, envolvendo, portanto, aspectos culturais, intelectuais e emocionais.

A dissertação de mestrado<sup>1</sup>, revelada parcialmente neste artigo, pretendeu observar e descrever como acontece o encontro entre o corpo-atriz e o corpo-educadora, as artes cênicas e a educação por meio de um estudo de caso experimental. Para isso utilizei o método de observação nas abordagens qualitativas, pressupondo um grande envolvimento

---

<sup>1</sup>Dissertação de mestrado intitulada “O avesso do corpo: uma experiência de reversibilidade entre Teatro e Educação” defendida em 2009 no Programa de Pós-Graduação em Educação, linha Educação e Comunicação na UFSC, orientada pela professora Dra. Ida Mara Freire.

com a situação estudada, visto que os vividos, o corpo atriz & educadora são o ponto de partida e a própria trajetória da pesquisa. O referencial teórico dialoga com as experiências e vividos.

A escolha por experienciar práticas teatrais com professores que não são artistas partiu da dificuldade sempre encontrada em trabalhar com teatro em escolas, pela falta de compreensão e resistências encontradas pelos demais professores e coordenadores. Outra questão a ser observada era o meu papel de artista-educadora na relação com o grupo. As experiências vividas com professores em oficinas de teatro são um exercício de reversibilidade entre atriz e educadora no âmbito da Educação. Estar com o outro, preparar um trabalho para o outro, revelar-se ao outro e proporcionar revelações no outro. Possibilidades de observar os invisíveis, impensáveis e indizíveis desvelarem-se em sala de aula, por meio da arte, na relação com os outros.

Os trabalhos de campo desta pesquisa aconteceram como oficinas de teatro para grupos de professoras da Educação Infantil e Séries Iniciais da Grande Florianópolis. Por meio de práticas teatrais, trabalhamos a sensibilização do corpo, das emoções e a memória das professoras. Observei nos relatos a falta que fez a arte em seus processos de formação desde a infância. Percebi o potencial de uma prática artística que passa pelo corpo, como é o caso do teatro, capaz de liberar emoções, lembranças, medos e alegrias. As professoras redimensionaram sua prática em sala de aula. Muito do que foi vivido por elas em nossos encontros foi transformado e levado para a sala de aula.

Nesses grupos, foi possível observar que poucas são as professoras que têm registros de vivências artísticas em seus processos de educação na escola. Suas memórias revelam aulas desinteressantes, com abordagem tecnicista, exigências, imposições ou mesmo a ausência da arte no espaço escolar. Os meus registros de artes na escola não são diferentes dos registros desse grupo.

Ao observar essa experiência com os grupos de professoras, percebi que meu olhar estava atento a minha relação com elas, como artista e professora. Como iniciar um processo artístico com professores que não viveram a arte em sua formação? Qual a sua noção de teatro? Como romper com conceitos já estabelecidos acerca do teatro e mergulhar na experiência em si, sem se prender a textos, chavões, clichês, marcações e cenas? Como lidar com as memórias, recordações e emoções que brotam desses corpos em experiência teatral?

Naquele momento percebi que talvez precisasse, antes de elaborar um método para trabalhar com teatro para professores, que nesse caso não são artistas-educadores, retornar à atriz e à educadora que me habitam. Por que quero que o outro professor viva uma prática teatral? Sabemos que o teatro pode colaborar para a expressão corporal e vocal, para expandir outras possibilidades de comunicação e aprendizado na escola, para a

criatividade, entre outros tantos aspectos. Mas se isso já é sabido, então para que esta pesquisa? Será que antes de propor o encontro de professores com o teatro, não era preciso eu, como atriz e educadora, compreender melhor como essa ligação entre o teatro e a educação se dá em mim?

Novos caminhos se abriram... O outro me serve de espelho. Então olho para as professoras e procuro a arte em suas vidas. Por quê? Porque quero afirmar a arte em minha vida. Vou até a escola propor experiências teatrais com professores. Por quê? Porque eu pouco tive experiências artísticas na escola. Quero que as práticas teatrais libertem as amarras dos professores. Por quê? Porque eu me sinto amarrada na escola. Nesse momento iniciaram meus passos em direção à reversibilidade entre mim e o outro. Vou até o outro e o outro me leva de volta a mim mesma. Faço movimento para fora e retorno para dentro.

Eu depositava até então demasiada expectativa nos resultados da pesquisa. Mesmo compreendendo que cada educador possui seus vividos, esperava que as vivências teatrais pudessem repercutir em suas ações docentes. Pretendia levar o teatro até a educação. Experiências de ator para os educadores. Equívoco: o teatro não é melhor ou pior que a educação e nem é o grande princípio para a formação de professores (existem também outras possibilidades), muito menos a salvação para o sistema de ensino.

Hoje não busco uma relação entre corpos atriz e educadora; teatro e educação; eu e o grupo. Hoje vejo todos como um só corpo. Busco ser-atriz-educadora com os outros. “Ser uma consciência, ou, antes, *ser uma experiência*<sup>2</sup>, é comunicar-se interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros, ser com eles em lugar de estar ao lado deles” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 142). Entendo que ser corpo é estar atado ao mundo, é ser simultaneamente objeto e sujeito. Por isso meu corpo está ligado, atado aos outros corpos e ao mundo. Eu, o outro e o mundo: movimento, sensibilidade e expressão criadora.

Sendo assim, não faz sentido estabelecer relações entre teatro e educação; entre o corpo do ator e o do educador. As relações já estão dadas. Portanto, ainda que professores nunca tenham experienciado práticas teatrais, os princípios do ator estão presentes em cada corpo-educador. Pois são princípios humanos, presença, ausência, equilíbrio, oposições. As experiências teatrais são, para eles, apenas um acesso a esses princípios já presentes em seus corpos. Assim como meu corpo é afetado, na relação, pelos mesmos princípios existentes nos corpos dos outros. Aos meus olhos, esse é o sentido da intercorporeidade de Merleau-Ponty nesta pesquisa.

A reversibilidade relacionada à fenomenologia, nos leva ao movimento husserliano de “retornar às coisas mesmas”. Limpar os conceitos e juízos, podendo retornar

---

<sup>2</sup> Grifo do autor.

a ser o que era antes de ser pensado pela ciência e pela filosofia. Como retornar à experiência mesma do fazer artístico na escola? Onde brotam as essências?

Na escola não se faz, fala-se sobre. Não se faz Química, ensina-se Química, fala-se de Química. Como retornar às coisas mesmas na escola? Há espaço para as essências e experiências na escola? Seria possível, para além de falar, emitir conceitos e ensinar, fazer Química, Física, Matemática, Literatura, História, Teatro?

Parece-me que, para que tal possibilidade se efetue, os professores precisariam Ser Química, Física, Matemática, Geografia, Artes. Esse é o princípio. Por que alguém escolhe ser professor de determinada área? Pressupomos que deva haver algum tipo de encantamento por ela. Onde habita a matemática de seu Ser? Visto que somos, para Merleau-Ponty, uma só carne, nós e o mundo, então a Matemática, a Biologia, a Química, o Teatro, as Línguas estão incorporadas em nós. Somos a Matemática, a Biologia, a Geografia, o Teatro.

O único sentido presente no Ser-educadora para mim está no corpo que é atriz. Creio que não poderia ser professora de Teatro, caso não fosse atriz. Os conceitos, conteúdos e práticas passam por meu corpo e então traduzo, revelo e coloco o outro em experiência. Nos momentos em que me dedico exclusivamente a dar aulas e não estou praticando algum tipo de treinamento de atriz ou processo de criação, sinto que não estou inteira, completa. Sinto-me insegura ao fazer educação quando não faço teatro. A reversibilidade entre atriz e educadora acontece nesse movimento em que uma se mostra ao passo que a outra se esconde. Aquela que se torna visível é sustentada pela invisibilidade da outra. Mas esse movimento só é possível se ambas estão sendo alimentadas, exercitadas. O corpo tem memória e se a memória não for atualizada, ele esquece em que ponto está o outro ser que o habita. Então, se necessito dar visibilidade à atriz, mas não a tenho alimentado, ela não tem forças para vir à tona e se expressar.

Portanto, não quando penso a arte, mas quando faço arte, percebo que não posso desejar fazer arte nos outros. Não posso pretender que o outro se transforme. Não tenho o poder nem a pretensão de transformar a educação. Então reinicio a jornada com simplicidade, humildade, sem expectativas. Dou-me conta do impossível que almejo e sei que é ele que sustenta o possível, como revela a reversibilidade fenomenológica. Por isso prossigo. Questão que pulsa no presente: como colaborar para a formação de artistas-educadores contemporâneos atuantes nas escolas?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2006.

\_\_\_\_\_. *Merleau-Ponty: obra fecunda*. Disponível <http://revistacult.uol.com.br/website> Acesso em: 04/03/2009.

DESGRANGES, Flávio. *A Pedagogia do Espectador*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do Teatro: Provocação e Dialogismo*. São Paulo: Hucitec, 2006.

FERNANDES, Ciane. *Escrevendando: teoria e prática na pesquisa em Artes Cênicas*. In BIÃO, Armindo e LEMOS, André. *Temas em contemporaneidade, imaginário e teatralidade*. São Paulo: Annablume, 2000.

HEIDEGGER, Martin. *La esencia del habla*. In: *De camino AL habla*. Barcelona: Ediciones Del Serbal, 1987.

LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. *Revista Brasileira de Educação*. Jan/Fev/Mar/Abr. 2002. p.20-28.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. *O olho e o espírito*. Tradução: Paulo Neves e Maria E. Glavão Gomes Pereira. São Paulo: Cosac& Naify, 2004.

\_\_\_\_\_. *O visível e o invisível*. Tradução: José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2007.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. *Na jornada da formação: tocar o arquétipo do mestre-aprendiz*. *Revista Pro-Posições*, V. 18, n. 3(54) – set/dez 2007.

SOKOLOWSKI, Robert. *Introdução à fenomenologia*. Tradução: Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1979.